



**A FEIRA COMO LUGAR DE MEMÓRIA: TRADIÇÕES E RELAÇÕES SOCIAIS NA
PRODUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO**

Fernanda Ramos Lacerda¹
Geisa Flores Mendes²

INTRODUÇÃO

A história de cada lugar se constitui sobre espaços repletos de relações sociais que se desenrolam em todas as direções, ela se faz pela síntese de elementos próprios que se relacionam no cotidiano dos sujeitos sociais. É no dia a dia que os costumes são reforçados, os traços culturais construídos, os valores e as tradições repassados, e dessa forma, essa multiplicidade possibilita a construção da memória dos sujeitos sociais que compartilham ou compartilharam desse mesmo espaço, como um elo entre o tempo passado e o tempo presente. Para Delgado,

As cidades são cristais de múltiplas faces espaciais e temporais, cristais de variadas luzes, entre elas as da memória, que, com sua temporalidade sempre em movimento, reencontra os lugares de ontem com os sentimentos do presente (DELGADO, 2010, p.117).

Esse reencontro dos lugares de ontem com os sentimentos do presente reafirma que os espaços das cidades estão em constante movimento, não só em sua produção, mas em suas relações. Nesse sentido, a feira se constitui como lugar de encontro, de vivências, de práticas, fazeres e saberes que reforçam significados à medida que os sujeitos sociais se apropriam do espaço produzido. Carlos enfatiza que,

São os lugares que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito a seu cotidiano e a seu modo de vida onde se locomove, trabalha, passeia, flana, isto é, pelas formas através das quais o homem se apropria e que vão ganhando o significado dado pelo uso (CARLOS, 2007, p.18).

1 Graduada em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Possui Especialização em Educação, Cultura e Memória (UESB). Professora e vice-diretora da Rede Estadual de Ensino. UESB, Brasil. Endereço eletrônico: nandarlacerda@gmail.com

2 Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe. Atualmente é professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia., UESB/BRASIL. Endereço eletrônico: geisauesb@yahoo.com.br



Deste modo, os espaços se ressignificam e as relações sociais são estabelecidas ao passo que se desenvolvem atividades que modificam o lugar e reforçam as tradições das comunidades que o vivenciam. As relações humanas que se materializam no lugar integram o processo de produção do espaço, com essa compreensão, Mendes considera que, “[...] a categoria lugar é essencial à análise do espaço geográfico” (2015, p.971).

Diante dessas proposições, o estudo tem o objetivo de refletir sobre a feira como lugar de memória e relações sociais que revela sua importância para se compreender a produção do espaço na cidade. Santos afirma que “[...] cada lugar é, à sua maneira, o mundo” (2006, p.213), sendo assim, por toda a sua dinâmica social, cultural, econômica e territorial, a feira é este espaço de representação do mundo.

METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos incluem a realização de um levantamento histórico bibliográfico e pesquisa documental sobre o surgimento das feiras na cidade de Vitória da Conquista, com pesquisas no Arquivo Público Municipal, com consultas no acervo jornalístico, documental e iconográfico. Além disso, a realização de entrevistas e questionários semiestruturados com os sujeitos sociais que se relacionam ou se relacionaram com as feiras.

As narrativas desses sujeitos se constituem em material de análise para a compreensão da produção da feira como lugar de memória e de reafirmação das manifestações culturais, sociais e econômicas em que a sociabilidade se estabelece e ressignifica o espaço. Fazem parte do aporte teórico na discussão sobre as categorias utilizadas na pesquisa, autores como Delgado (2010), Carlos (1996) e Massey (2000; 2008) para discutir sobre o Lugar; Halbwachs (1990), Nora (1990) e Mendes (2009) para refletir sobre a memória social e o espaço. Vedana (2004) que embasa as leituras sobre as Feiras-livres e, ainda, Harvey (2006) e Santos (2006) que tratam do aprofundamento sobre a produção social do espaço.

A FEIRA COMO LUGAR DE MEMÓRIA



A feira livre resiste no tempo como lugar de manifestações sociais, culturais e econômicas, e contribui diariamente para o fazer da cidade no que diz respeito a produção do espaço. Ela normalmente é definida como o lugar onde ocorre a negociação ou a comercialização de produtos, mas para além da forma explícita do capitalismo, a feira é um lugar de negociação social, que nos modifica, como afirma Massey, “[...] o lugar, em outras palavras, nos modifica não a partir de um pertencimento visceral, mas a partir da prática do lugar, da negociação das trajetórias que se intersectam” (2008, p. 219-220). A afirmação de Massey possibilita a compreensão de como a feira livre potencializa a oportunidade de vivenciar o saber substancial, contudo esquecido, de que compartilhamos os espaços dentro da cidade.

A experiência de compartilhar o espaço da feira é sentida por meio dos cheiros, dos gestos, da audição e das percepções apresentadas pelo lugar àqueles que circulam sobre ele, nos modificando pelas marcas das diversas trajetórias que se intersectam. Essa negociação ocorre entre articulações nos olhares, nas falas, nos gestos e nos fazeres. Uma negociação permeada de confiança e de entrega, presente no momento da comercialização de produtos, como o ato do feirante, de oferecer ao freguês a oportunidade de experimentar o sabor da fruta, ainda que este não goste e não compre. Sobre as feiras Vedana afirma:

[...] foi a partir dos espaços de feiras-livres e das relações e interações estabelecidas entre seus frequentadores que passei a me indagar sobre estas formas de vida diversas que compõe a dinâmica urbana, na qual um ato, aparentemente simples, como a compra de alimentos, pode estar carregada de significados que ultrapassam a razão que envolve no que tange a tessitura das relações sociais presentes à sociedade contemporânea (VEDANA, 2004, p.11).

Por meio da reflexão sobre as vivências desses grupos sociais, surge o reconhecimento da feira como lugar de memória para os sujeitos que se relacionam ou se relacionaram com este espaço, e permite uma análise considerando os cenários onde são tecidas histórias individuais e coletivas, combinações de experiências e relações sociais, ou seja, permite o reconhecimento do *constructo* social da memória (HALBWACHS, 1990) capaz de revelar o que as práticas cotidianas dizem sobre este espaço.

A reflexão sobre o espaço ocorre por meio da vivência do sujeito social e como ele vê e o que ele diz sobre esse lugar. Para Nora “[...] o lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e reconhecido sobre seu nome, mas constantemente aberto a extensão de suas significações” (1993,



p.21). Deste modo, a feira apresenta-se ao mesmo tempo fechada em si mesma e aberta como lugar de multiplicidade de relações que se manifestam na medida em que os saberes e fazeres se incorporam no cotidiano. Silva compreende que,

É no lugar que se tem dinamicidade, ocorre à experiência vivida, cheia de conteúdos, onde se faz e refaz o cotidiano, onde acontece a reprodução da vida. (privada, lazer, trabalho). Diante da unicidade aparente, falseia-se o peso do lugar, espaço privilegiado das manifestações, das solidariedades, do cotidiano. Reconhece que é no lugar que a vida se realiza em todas suas dimensões (2007, p.6).

Quando essas relações são vividas, estabelecem-se identidades, afloram-se os vínculos afetivos, promovem-se rugosidades dentro de um determinado espaço constituído socialmente. Para Santos, o espaço “[...] é um testemunho; ele testemunha um momento de um modo de produção pela memória do espaço construído” (2004, p.173), surge então, as rugosidades, que são o tempo histórico, intrínseco ao espaço. Essas rugosidades também estão presentes nas relações sociais que resistem, mesmo com a insistência das transformações da modernidade, produzindo os espaços de formas diversas. Segundo Harvey, “[...] através das rotinas materiais cotidianas compreendemos o funcionamento das representações espaciais e construímos espaços de representação para nós mesmos” (HARVEY, 2012, p.20), por tudo isso, o sentimento de pertencimento é exposto, sentido, materializado.

A feira é o lugar de micro espaços que são determinados, onde a ordem econômica é condicionada a padrões estruturados, a exemplo das definições dos locais específicos para a comercialização de frutas, separado logisticamente do local de comercialização de carnes, mas também, é o lugar dos afetos, da comunicação, da espontaneidade, da confiança e da criatividade, e o conjunto dessas manifestações diversas permite o acesso à memória social e à reflexão sobre a produção do espaço.

CONCLUSÃO

Esse estudo, que ainda se encontra em desenvolvimento, permitiu a compreensão de como as feiras livres na cidade vão se resignificando à medida que se desenvolvem nelas atividades culturais, econômicas e sociais. Entende-se que a feira reforça as tradições e as relações sociais, tornando-se forte como representação de lugar de memória para os



sujeitos sociais que se relacionam ou se relacionaram com ela.

Entre os sujeitos sociais que circulam e vivenciam o espaço da feira é possível perceber o sentimento de pertencimento e identidade, que revela a importância que eles atribuem a este espaço como lugar de memória social da cidade.

Palavras-chave: Espaço. Feira. Lugar. Memória Social.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 2007.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Org.) **História oral: memória, tempo, identidades**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 117

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.

HARVEY, D. O espaço como palavra chave. **Geographia**, Niterói-RJ, vol. 14 nº 28, p. 8-39, 2012.

MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MENDES, Geisa Flores. **Sertão se traz na alma? Território/lugar, memória e representações sociais**. 2009. 250f. Tese (Doutorado em Geografia) – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2009.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, v. 10, 1993.

SILVA, Mary Anne Vieira. Cotidiano e Lugar: interpretações conceituais numa leitura geográfica para uma prática de ensino. Anais: II EDIPE II **Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino** 04 a 06 de novembro de 2007 – Anápolis – GO. p. 6. Disponível em: <<http://www.ceped.ueg.br/anais/IIedipe/pdfs/cotidianoelugar.pdf>> Acesso em: Novembro de 2016.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. ed.2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.



XII COLÓQUIO NACIONAL E V COLÓQUIO INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO



26 A 29 DE SETEMBRO DE 2017

ISSN: 2175-5493

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica.** 6ª ed. São Paulo: EDUSP, 2004.